



O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana como espaço de encontro e resistência das mulheres da IECLB

The Lutheran Women's Reflection Forum as a space for meeting and
resistance of women in the IECLB

Rosane Philippsen*

Resumo: Considerando a precariedade de informações sobre o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, este artigo busca traçar as origens deste movimento de mulheres na IECLB, suas demandas e questionamentos, quais organismos internacionais e ecumênicos influenciaram mulheres líderes na criação do fórum, bem como a influência da teologia feminista nos questionamentos trazidos pelo movimento. A partir de resgate de notícias no Jornal Evangélico e outros periódicos, observa-se a trajetória do fórum e sua influência em determinados setores das mulheres na igreja. A luta por uma secretaria da mulher foi uma das pautas deste movimento que agregaram mulheres de diversos setores e segmentos dentro da IECLB em discussões tratadas em fóruns ao longo dos anos.

Palavras-chave: Mulheres. Mulheres luteranas. Fórum de Reflexão da Mulher Luterana.

Abstract: Considering the shortage of information about the Forum of Reflection of the Lutheran Woman, this article aims to trace the origins of this women's movement in the IECLB, its demands and questions, which international and ecumenical organizations have influenced women leaders in the creation of the forum, as well as the influence of Feminist Theology in the questions brought by the movement. From the retrieval of news in the Evangelical Journal and other periodicals, one can observe the trajectory of the Forum and its influence in certain sectors of women's actuation in the church. The struggle for a women's secretariat was one of the guidelines of this movement which brought together women of various sectors and segments within the IECLB in discussions in forums over the years.

Keywords: Women. Lutheran women. Forum of Reflection of the Lutheran Woman.

* Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (Fepar, 2008), mestre pela Escola Superior de Teologia (ETS, 2016-2017) na área de Teologia Fundamental Sistemática, na linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade. Contato: rosanephilipsen@gmail.com

Introdução¹

O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana é um movimento de mulheres no âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Surgiu nos anos 1990 no contexto da VII Assembleia da Federação Luterana Mundial, em Curitiba, a partir da inquietação de algumas mulheres líderes presentes no evento. Naquela ocasião, elas perceberam o quanto se fazia necessário refletir sobre seu papel na Igreja, sua organização, integração e articulação.² A valorização da experiência das mulheres e o encorajamento para as ideias dos grupos numa perspectiva de planejamento conjunto apontam para a influência da teoria feminista. Naqueles anos, a teologia feminista estava ganhando e firmando espaço no meio acadêmico através de seminários, cursos, semanas acadêmicas e posterior criação da Cátedra de Teologia Feminista.³ A conexão da teologia feminista com o citado fórum se deu na medida em que mulheres líderes tiveram contato com estudantes de teologia, posteriormente pastoras, que beberam desta fonte.

Algumas destas mulheres líderes pertenciam à Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), porém, mais tarde, o movimento foi ganhando a adesão de mulheres da Pastoral Popular Luterana (PPL), profissionais cristãs, mulheres agricultoras do Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (Capa), pastoras, catequistas, diáconas bem como o apoio fundamental das diaconisas da Irmandade Evangélica.⁴

Questionamentos de mulheres nas páginas do Jornal Evangélico

O Jornal Evangélico (Jorev) é o principal veículo de comunicação impressa da IECLB, de alcance nacional, e, por esse motivo, foi utilizado como fonte para a pesquisa sobre os questionamentos das mulheres. Utilizou-se o recorte temporal entre 1985-1995 de notícias com temática referente às mulheres. Nesse período foram publicados artigos de mulheres das mais diversas formações e experiências que escreviam ao jornal. A seção “Nosso Espaço – Nossas Esperanças” era inteiramente dedicada a “auxiliar com notícias e outros assuntos de interesse dos

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho Final do Mestrado Profissional “Encontros e resistências: o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB”, orientado pelo Prof. Dr. Oneide Bobsin.

² ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa. *Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB*. Porto Alegre: Odisseia, 2010, p. 19.

³ NEUENFELDT, Elaine Gleci. Teologia Feminista na formação teológica – conquista e desafios. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLTZ, Wilhelm. (Orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 119.

⁴ Irmandade Evangélica é uma comunhão de mulheres vocacionadas ao diaconato. Ver: BEULKE, Gisela. A história do ministério diaconal na IECLB. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 47, n. 1, 2007, p. 147. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/470/425>. Acesso em: 10 ago. 2017. Também ver: BRAKEMEIER, Ruthild. *O surgimento de um modelo de diaconato feminino, sua implantação no Brasil e perspectiva para o futuro*. São Leopoldo, 1998.

grupos e das mulheres evangélicas”.⁵ Nela, muitos temas considerados ousados foram abordados. O tema que mais aparece nos documentos analisados é a polêmica em torno da teologia feminista e a implantação da Cátedra na Faculdade de Teologia. Em segundo lugar aparecem as questões relacionadas à presença de mulheres em cargos de liderança, tanto na igreja como na sociedade. Também estiveram em destaque temas como a discriminação contra a mulher, a realidade das estruturas opressoras contra as mulheres, especialmente as mulheres da América Latina e África, e os obstáculos para a participação delas em condições de igualdade de direitos e posições de liderança.⁶

Para Marlene Kircheim, a importância desta seção estava em auxiliar as mulheres na sua vida de fé e no contexto em que vivem. Um espaço em que as mulheres pudessem expressar suas ansiedades, visualizar novos horizontes e serem solidárias às lutas das mulheres.⁷ A seção “Nosso Espaço, Nossas Esperanças” em particular, mas também o próprio Jorev no geral, trouxe discussões que encorajavam as mulheres a tornarem audíveis suas vozes, a reafirmarem a necessidade de cooperação mútua, a realizarem cursos e seminários de capacitação, a refletirem sobre temas como corpo, casamento e velhice.

As páginas do Jorev também trouxeram reflexões das pastoras, catequistas e diaconisas e obreiras diaconais. Naquele período havia também a busca pelo conhecimento e reconhecimento mútuo na perspectiva de se fortalecerem, unirem-se e se encorajarem frente aos desafios e serem valorizadas em seu trabalho.⁸

Com o advento da Década Ecumênica das Igrejas em Solidariedade com as Mulheres,⁹ o Jorev passou a noticiar as pautas desenvolvidas a partir de seus objetivos. Nos anos compreendidos pela Década Ecumênica (1988-1998), é possível perceber a movimentação de diversas organizações e entidades com questionamentos relativos à situação das mulheres na igreja e na sociedade. Neste sentido também a denúncia e a necessidade de se reconhecer, como

⁵ LENGLER, Lilian. Páginas específicas para mulheres e os jovens. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, ago. 1988, Público Alvo, p. 37.

⁶ Ver: PHILIPPSEN, Rosane. *Encontros e resistências: o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB*. São Leopoldo, RS, 2017. Dissertação (Mestrado Profissional) – Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017b. p. 40-42. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFÉ/853/1/philippsen_r_tmp546.pdf>.

⁷ KIRCHHEIM, Marlene. Página da mulher completa um ano. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, primeira quinzena, maio 1985, Nosso Espaço Nossas Esperanças, p. 10.

⁸ KOCH, Ingelore Starke. Obreiras buscam valorização de seu trabalho. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 5-25 mai. 1991b, Geral, p. 15.

⁹ A Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres ocorreu entre 1988 e 1998 e foi uma demanda do setor de trabalho denominado “Mulheres na Igreja e na Sociedade” do Conselho Mundial de Igrejas. No Brasil, este trabalho foi acolhido pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), que criou uma comissão de mulheres representantes das igrejas membro. Ver: BAESKE, Sibyla, Dez anos despertando solidariedade. In: BAESKE, Sibyla (Org.). *Mulheres desafiam as igrejas cristãs: Década ecumênica de solidariedade das igrejas com a mulher (1988-1998)*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 14-15.

Igreja, que as mulheres são aquelas que sofrem as piores consequências de situações como a pobreza, o racismo, a injustiça econômica, o sexismo, o militarismo, o não direito à propriedade, etc.¹⁰

O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana como espaço de encontro

Por definição, fórum é um espaço público onde se localizam edifícios importantes e essenciais para o funcionamento das cidades. No caso das mulheres luteranas, foi esta concepção que orientou o movimento nos anos iniciais, partir da experiência vivida no “Recanto”, na VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial (FLM), realizada em Curitiba em 1990. O Recanto foi um espaço criado por sugestão da Dra. Musimbi Kanyoro, para auxiliar as muitas mulheres que participavam pela primeira vez de uma assembleia da FLM. Era um local onde as mulheres podiam aprender como proceder naquele evento e a trocar informações sobre seus países, sua realidade e sua experiência pessoal.¹¹

Vera Leane Roth conta que foi no Recanto que as mulheres luteranas no Brasil se deram conta de que não se conheciam e que eram mais do que somente os grupos de OASE, mas também mulheres agricultoras, ministras, profissionais liberais, dos movimentos sociais, etc. No espaço do Recanto, perceberam a necessidade de refletir sobre essa situação e sobre muitos temas que já se tornavam pulsantes, como foi possível verificar nas páginas do Jorev. Foi naquela assembleia da FLM que essas mulheres perceberam a necessidade de se encontrar de forma que houvesse uma maior integração entre os diversos grupos, movimentos, ministérios e setores de trabalho da IECLB.¹²

Na ocasião, Vera Roth fazia parte da Comissão Nacional da Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com a Mulher e trouxe consigo a experiência compartilhada com mulheres de outras denominações cristãs. Ela trouxe, por exemplo, questionamentos relacionados à violência contra as mulheres, as dificuldades das mulheres em entender e participar de política. Entretanto, relatou a dificuldade que tinha em tratar estes e outros assuntos no seu grupo de OASE e afirmou que, por isso, a existência de um fórum seria tão importante, como possibilidade de refletir sobre temáticas que na época não tinham chance de serem discutidas nos grupos convencionais dentro da igreja.¹³

¹⁰ GRUPO coordenador da Década Ecumênica da Mulher do CMI. Mensagem de Páscoa: quem removerá a pedra? *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 1-18 mar. 1989, p. 14.

¹¹ PHILIPPSEN, 2017b, p. 62.

¹² ROTH, Vera Leane. Novo Hamburgo, RS, 27 abr. 2017. Entrevista concedida a Rosane Philippsen.

¹³ PHILIPPSEN, Rosane. A influência da Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres no contexto das origens do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. *Anais do Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, v. 5, p. 596-611, 2017a, p. 600. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/866/556>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

Nos dias 26 e 27 de maio de 1990, na Casa Matriz de Diaconisas, em São Leopoldo-RS, aconteceu o primeiro encontro de mulheres que atenderam ao convite realizado por Lilian Fleck Lengler, que, na época, fazia parte do Conselho Diretor da IECLB e tinha sido recentemente eleita como representação da igreja no Conselho da FLM. Participaram da reunião Lilian F. Lengler, Isclair Radtke, Norma Krumreich, Ruth Leonora Winkler Musskopf, Ruth Thereza Baade, Vera L. Roth, Ir. Ruthild Brakemeier, Ir. Arleti G. Mattner e Ir. Hildegart Hertel.¹⁴

Desde a primeira reunião na Casa Matriz de Diaconisas, foi muito forte a percepção da necessidade de uma maior integração entre as mulheres na IECLB. Não somente as mulheres dos grupos de OASE, mas também as mulheres de outras organizações e setores de trabalho da igreja. Aquelas mulheres reafirmaram a percepção do quanto estavam desarticuladas entre si e que necessitavam de algum instrumento ou instância que facilitasse a comunicação e organização. As participantes do primeiro encontro realizado em maio de 1990 informaram o Conselho Diretor e Secretários da IECLB sobre a constatação da necessidade de se formar líderes mulheres, capacitando-as a participar em todos os níveis e de fomentar a articulação entre a diversidade de mulheres na igreja. Esta era uma demanda que vinha da própria assembleia da Federação Luterana Mundial, ecoando também decisões do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) a partir do lançamento da Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres em 1988.

Durante os anos de 1990 até 1995, estas mulheres continuaram se reunindo e convidando outras para refletir sobre encorajamento e participação de mulheres em todas as instâncias decisórias da IECLB. Articularam desde moções em concílios para que se observasse a representatividade de 40% de mulheres nos grêmios eletivos e administrativos até a manifestação para que se criasse uma secretaria da mulher na IECLB. Buscava-se a formação de uma instância que congregasse os vários setores de trabalho e organizações de mulheres da IECLB; que também integrasse mulheres profissionais; que favorecesse a troca de ideias, o fortalecimento, e fosse apoio para aquisição de segurança e “espaço para discussão, análise e ação em prol da causa e espaço da mulher na IECLB e na sociedade.”¹⁵ Neste período, houve também grande aproximação com a teologia feminista que estava conquistando espaço no meio acadêmico e que, de certa forma, acolhia aos anseios daquelas mulheres que desejavam questionar e refletir sobre sua realidade a partir de suas experiências.

Parte desta liderança eram mulheres oriundas da participação em grupos de OASE como Vera Roth e Lilian Lengler, por exemplo, as quais foram presidentas de OASE. Mas também havia presença de ministras: pastoras, catequistas e diáconas, assim como diaconisas da Irmandade Evangélica. Além disso, participavam estudantes de teologia, mulheres agricultoras, mulheres

¹⁴ ROTH; SCHERER, 2010, p. 20.

¹⁵ ROTH; SCHERER, 2010, p. 24.

esposas de pastor, mulheres profissionais liberais, etc.

No entanto, o clamor por uma secretaria da mulher em algum momento se tornou um elemento gerador de antagonismo entre as mulheres. Dorothea Wulforth propôs a criação de uma secretaria da mulher que reunisse todos os segmentos de mulheres da IECLB, para poder “sonhar mais alto e dar passos mais acertados e maiores”.¹⁶ A irmã diaconisa Ruthild Brakemeier também foi uma intensa defensora desta ideia. Em artigo publicado no Roteiro de Trabalho da OASE 1995, sob o título: “Precisamos de uma Secretaria da Mulher?”, ela pontuou didaticamente a importância e necessidade de um órgão que articulasse a reflexão e ação das mulheres na direção da igreja. Argumentou que as mulheres, embora formem a base da igreja, precisam ter oportunidade de estar no topo e que esta secretaria facilitaria a comunicação entre as mulheres da IECLB, assim como também a comunicação entre órgãos diretivos e vice-versa.¹⁷

Porém, em março de 1995, o Conselho Nacional da OASE enviou uma carta à comissão do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana comunicando que

Após ser explanado e discutido amplamente os relatórios sobre o parecer de cada Região, chegou-se à conclusão que nós, como Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas – OASE, deveríamos nos posicionar definitivamente sobre o assunto. Concluiu-se que a OASE não se opõe à criação do ‘Fórum de Reflexão da Mulher Luterana’, mas não fará parte do mesmo; continuaremos no trabalho da OASE, seguindo seus objetivos: ‘Comunhão, Testemunho e Serviço’.¹⁸

O que era para ser um espaço de encontro, partilhas e trocas de saberes e experiências sofreu um esvaziamento que afetou significativamente os rumos do movimento. Sem a participação da OASE como organização, o fórum passou a ser visto e compreendido em muitos lugares como um movimento de oposição à OASE. Este estigma por muitos anos azedou as relações entre a maior organização de mulheres da IECLB e o fórum, e, na memória de algumas mulheres, ainda permanece o desconforto mesmo na atualidade.

De certa forma, corroborando as palavras de Ivone Gebara, a proposta do fórum, alicerçado em “um pensamento teológico que propunha a revisão das bases da sustentação das teologias assustava até mesmo as mulheres, companheiras apegadas ao esquema religioso patriarcal.”¹⁹ Olhar para a realidade, para a concretude do cotidiano, ouvir as interrogações e questionamentos das mulheres, especialmente em temas espinhosos como discriminação, violência, sexismo e machismo, suscitava desconfiança e críticas entre as mulheres pois ainda

¹⁶ WULFHORST, Dorothea E. Quem não se modifica – se trumbica! In: *Roteiro da OASE 1993*. Permanecem a Fé, a Esperança e o Amor. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p. 30.

¹⁷ BRAKEMEIER, Ruthild. Precisamos de uma Secretaria da Mulher? In: *Roteiro de trabalho da OASE 1995*. Eu sou... Jesus se apresenta. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 19-22.

¹⁸ ROTH; SCHERER, 2010, p. 85-86.

¹⁹ GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de mulher*. São Paulo: Paulinas: 1994, p. 7.

estavam alicerçadas no pensamento tradicional.

A própria autoconcepção das mulheres era abalada com as críticas entre elas. Em 1991 ocorreu o Encontro de Mulheres Luteranas – América Latina, realizado em Curitiba, coordenado por Dagmar Triska e pela Pa. Ruth Musskopf. Representando a OASE foram Suely Kappel e Vera Roth. Ingrid Lautert (presidenta do Conselho Nacional de OASE – CNO) participou como painelistas para falar do Dia Mundial de Oração e da OASE. Anna Lange falou do início da OASE e Ruth Baade sobre a estrutura da igreja. De acordo com o relatório apresentado pelo CNO ao XVIII Concílio da Igreja realizado em Pelotas-RS, a impressão que as mulheres da OASE trouxeram do encontro latino-americano foi a seguinte:

As mulheres da OASE participaram ativamente, dando um clima de cordialidade e aconchego, apesar de nos sentirmos desvalorizadas. Após este encontro avaliamos e vimos que nós OASE temos muitas barreiras a vencer. Não somos aceitas. Somos vistas como grupos de chás e trabalhos manuais, etc. Sentimos esta discriminação por departamentos e segmentos de mulheres de nossa própria igreja, que não aceitam a OASE como ela é, isto interfere muito no nosso trabalho, nos deixa indecisas. Estamos tentando mudar, mas estas mudanças só podem acontecer gradativamente.²⁰

Este sentimento perpassou as relações por muito tempo e faz sentido avaliar que as mulheres pertencentes à OASE sentiam-se diminuídas porque ainda, em sua maioria, representavam mulheres donas de casa, com pouca escolarização, dependentes economicamente e subordinadas ao sistema patriarcal em contraponto com mulheres que estavam inseridas no mercado formal de trabalho e com níveis bem mais avançados de escolarização e profissionalização.

A OASE, na época quase centenária, repentinamente viu o seu sistema de organização e hierarquia também ser questionado pelas próprias mulheres. Como organização, a ordem auxiliadora, originada das sociedades femininas do final do século 19 e início do século 20 também enfrentou muitas dificuldades para se estabelecer dentro de um modelo patriarcal de igreja. Porém, ao seu modo, conquistou espaços nas comunidades ou, em muitos casos, fundou comunidades, a partir de seus objetivos de “comunhão, testemunho e serviço”. No labor silencioso e geralmente invisibilizado, algumas mulheres da OASE conseguiram ressignificar o espaço que muitas vezes as oprimiram e reconstituíram-no a seu favor. Ao protagonizar a apropriação de espaços, “produzem linguagens e anunciam formas e modelos que coabitam no seio da comunidade.”²¹

²⁰ Relatório de atividades do CNO de abril de 1991 a julho de 1992 disponível em pasta na biblioteca da EST como: IECLB. Concílio Geral *Documentos: XVIII Concílio Geral*, Pelotas RS, 21 a 25 de outubro de 1992. Porto Alegre: IECLB, 1992. ca.

²¹ BLIND, Sisi; BOBSIN, Oneide. *Ecossistema de uma história silenciosa: grupos de OASE da IECLB*. São Leopoldo, 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2009 Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=139>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Essa apropriação de espaços se traduz na afirmação de que “a OASE não fala, a OASE faz”, cuja intenção sempre foi acentuar sua atuação, em primeiro lugar, mas também “expressar a discordância de quem muito fala e não põe nada em prática”.²²

Neste ponto, essa organização se diferencia do Fórum de Reflexão que tenta ir em outra direção, justamente oposta às práticas consolidadas pelos grupos de OASE nas comunidades. Ao questionar o silenciamento e a invisibilidade das mulheres na cultura androcêntrica e patriarcal da igreja trazendo os problemas pessoais para o campo do público, o fórum acaba propondo uma nova forma de ser mulher na igreja, que vai ao encontro da libertação feminista que afirma que o “pessoal é político”. Na medida que as experiências pessoais são trazidas à reflexão e discussão e, como resultado, propõem soluções coletivas, num movimento diferente do que se fazia até então, o fórum vai se tornando peculiar.

Muitas dessas questões não foram bem recebidas por todas as lideranças de mulheres, principalmente por interferirem no modo de ver a realidade que já estava posto e sedimentado. De certa forma, este outro jeito de ser mulher na igreja parecia “ameaçar” o modo tradicional calcado em valores conservadores e, na maioria das vezes, reprodutores da mesma lógica hierárquica masculina.

No documento supracitado, percebe-se que o Conselho Nacional da OASE não entendeu a criação de uma secretaria da mulher – uma das reivindicações do fórum em seus primeiros anos – como um órgão que abrigaria todas as mulheres da IECLB, mas como algo que estivesse concorrendo com a OASE numa posição de superioridade. É possível que isso seja resultado da autocompreensão da organização como aquela que representa todas as mulheres luteranas,²³ o que ocorre muito facilmente no imaginário das comunidades até hoje.

De certa forma a ruptura entre o CNO e as lideranças do fórum se deu nesta dificuldade em compreender a diversidade das mulheres presentes e organizadas na IECLB e as inúmeras possibilidades de ser mulher atuante na igreja. Dicotomias entre mulheres profissionais *versus* mulheres donas de casa, mulheres graduadas *versus* mulheres com pouca escolaridade, mulheres que fazem e mulheres que falam podem ter acirrado falsos dilemas e reforçado antagonismos históricos entre mulheres, desfavorecendo a sororidade e a comunhão.

²² BAESKE, Sibyla. *Retalhos no tempo: 100 anos da OASE 1899-1999*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 63.

²³ Evidência disso pode ser a menção nominal à OASE no regimento interno da IECLB, que lista a organização entre os convidados e as convidadas do pastor presidente ou da pastora presidente, com direito a voto nos concílios gerais da igreja e nas assembleias e conselhos sinodais, desde aprovação de moção apresentada no XXI Concílio Geral da Igreja de 1998 (BAESKE, 1999, p. 65).

Fórum como espaço de resistência

Em detrimento da posição oficial do Conselho Nacional da OASE em não fazer parte do fórum, as demais lideranças “se dispunham a continuar refletindo sobre sua realidade”,²⁴ realizando os Fóruns Nacionais de Reflexão da Mulher Luterana.

Os fóruns realizados refletiram sobre questões da realidade vivida pelas mulheres como: cidadania e autoestima, geração de renda, política, saúde integral da mulher, violência contra as mulheres, discriminação contra as mulheres, as mulheres em busca da não violência, espiritualidade, graça e culpa na mulher luterana, etc.²⁵ A cada fórum sempre um novo estímulo para avanço no papel das mulheres, encorajadas a assumirem efetivamente mais espaços de ação tanto na igreja como na sociedade.²⁶

Com o passar do tempo, o Fórum de Reflexão foi se compreendendo e se propondo a ser “um movimento de conscientização e valorização das mulheres, pelas mulheres, da sua capacidade de decisões na estrutura básica da Igreja”.²⁷ Assim, a sua coordenação foi sendo convidada pela IECLB para representá-la. Vera Roth, como coordenadora, representou o fórum na IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada na China, nos dias 30 de agosto a 15 de setembro de 1995.²⁸ No ano seguinte, junto com Dirce Zornig e Gudrun Braun pelo CNO, Dorothea Wulfhorst e Herta Costa Scherer representaram o fórum no II Seminário de Estudos para Mulheres, na Alemanha.²⁹ Herta C. Scherer, Sara Regina Hoppen, Ieda Radünz, Ir. Gisela Buelke foram mulheres que muito atuaram na realização dos fóruns, bem como representando a sua coordenação em diversos encontros e seminários, no Brasil e no exterior.³⁰

A pauta pela não violência contra a mulher encontrou possibilidade de discussão no Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. De acordo com Vera Roth, este fórum fez parte da rede de

²⁴ ROTH; SCHERER, 2010, p. 31.

²⁵ Já se realizaram dez fóruns nacionais: o primeiro em 1995, com o tema “Cidadania e autoestima” em Porto Alegre; o II em 1996: “O que significa ser mulher luterana hoje” realizado em Curitiba; o III foi realizado em Joinville, em 1997 com o tema: “Saúde integral da mulher”; o IV com o tema “A cidadania das mulheres no mundo, foi realizado em Campinas, em 1998; São Leopoldo sediou a quinta edição com o tema: “Água: até quando?”, em 2000. O VI Fórum foi realizado em 2003, na cidade de Vitória, com o tema: “As mulheres em missão na busca da não-violência”; em 2006, em São Paulo, foi realizado o VII Fórum, com o tema: “Espiritualidade, graça e culpa na mulher luterana”; em 2010 ocorreu a oitava edição realizada em Curitiba, com o tema: “Deus nos ama 100%: por que temer a transformação?”; o IX Fórum foi realizado em 2012, em Campinas, com o tema: “Desafiadas a partilhar”; e o X Fórum ocorreu em São Leopoldo em 2014, com o tema: “Mulheres: quem conta nossa história?”

²⁶ Na sexta edição do fórum, realizado em 2003, a questão da violência familiar foi tema de reflexão e foi dado testemunho e incentivo a “atuação de mulheres cidadãs na própria estrutura sócio/governamental” e que se “façam parcerias com órgãos municipais que têm trabalhos neste sentido”. In: ROTH; SCHERER, 2010, p. 44-45.

²⁷ ROTH; SCHERER, 2010, p. 49.

²⁸ ROTH; SCHERER, 2010, p. 50.

²⁹ ROTH; SCHERER, 2010, p. 51

³⁰ ROTH; SCHERER, 2010, p. 56-58.

entidades promotoras do projeto “Nem tão doce lar”,³¹ dentro e fora da IECLB.³² Em 2005, a IECLB publicou o documento produzido pela FLM intitulado “As Igrejas dizem NÃO à violência contra a Mulher”, exortando que se chamasse a violência pelo nome: pecado!³³ O desdobramento destes estudos e experiências gerou outros impulsos, como a cartilha “Encontros e conversas – pela cultura da paz e superação da violência doméstica”.³⁴ Conversar sobre este tema no espaço da igreja permite que, num lugar seguro e acolhedor, possam ser feitas as indagações, constatações e confissões por parte das mulheres. Este material trouxe sugestões práticas de propostas para as igrejas e pistas sobre como ajudar as vítimas. Os fóruns sempre foram um espaço importante para a divulgação destes recursos, pois, ao longo do tempo, foi possível ter a presença de mulheres representantes de quase todos os sínodos da IECLB nas suas dez edições.

Apesar das dificuldades, principalmente da ordem dos recursos, já que o fórum depende da oferta nacional para o trabalho com mulheres e, eventualmente, teve recursos oriundos da FLM, sempre contou com a resistência de mulheres que insistiram em trabalhar temáticas ousadas para a sua época e antecipando outras na própria Igreja. O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana sempre buscou refletir sobre a “realidade das mulheres luteranas dentro das comunidades, articular trabalhos diversificados em diferentes realidades [...] levando sempre em consideração que se buscam mais espaços nas comunidades e na sociedade que possam contribuir para a emancipação e libertação da mulher sob a luz do Evangelho”.³⁵

Considerações finais

Em seus 28 anos, o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana tem se proposto a refletir sobre temas muitas vezes considerados polêmicos. Tem insistido no convite aos mais diversos segmentos de mulheres dentro da IECLB, na perspectiva de compartilhar as mais diferentes experiências e saberes das mulheres de todas as idades, de todos lugares e jeitos de organização. Tem resistido bravamente, às vezes reorientando sua rota, mas sem perder de vista a conscientização das mulheres sobre a sua importância como pessoas bem como na família, na igreja e na sociedade.

³¹ A Fundação Luterana de Diaconia assumiu a temática da violência doméstica com maior intensidade a partir da criação coletiva da mostra interativa “Nem tão doce lar”. Esta é uma intervenção que desafia as pessoas para o enfrentamento e a superação da violência doméstica. Ver: MENEZES, Marilu Nörnberg. (Org.). FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. *Nem tão doce lar: uma vida sem violência, direito de mulheres e de homens*. São Leopoldo; Sinodal; 2012. Porto Alegre: FLD, Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/ebooks/Caderno_Nem_tao_Doce_Lar_2012.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

³² ROTH; SCHERER, 2010, p. 69.

³³ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Departamento de Missão e Desenvolvimento.; SINGH, Priscilla. *As Igrejas dizem ‘não’ à violência contra a mulher: plano de ação para as Igrejas*. Genebra, 2005.

³⁴ NEUENFELDT, Elaine Gleci. (Org.). *Encontros e conversas – pela cultura da paz e superação da violência doméstica*. As Igrejas dizem NÃO à violência contra a mulher. Cartilha de estudos e celebrações. IECLB/Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. 2. ed. São Leopoldo: Contexto Gráfica e Editora, 2008.

³⁵ ROTH; SCHERER, 2010, p. 47.

Nos últimos anos, novas lideranças de mulheres têm assumido a condução o Fórum de Reflexão, ou seja, não estão mais na direção as pioneiras deste trabalho. Novas lideranças têm despertado e estão continuando a caminhada, enfrentando feridas antigas e buscando a cura através do perdão mútuo e retomada das partilhas e reflexões conjuntas.

Referências

BAESKE, Sibyla. *Retalhos no tempo: 100 anos da OASE 1899-1999*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BEULKE, Gisela. A história do ministério diaconal na IECLB. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 47, n. 1, 2007. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/470/425>. Acesso em: 10 ago. 2017.

BLIND, Sisi; BOBSIN, Oneide. *Ecos de uma história silenciosa: grupos de OASE da IECLB*. São Leopoldo, 2009. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2009. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=139>. Acesso em: 30 abr. 2018.

BRAKEMEIER, Ruthild. *O surgimento de um modelo de diaconato feminino, sua implantação no Brasil e perspectiva para o futuro*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1998.

_____. Precisamos de uma Secretária da Mulher? In: *Roteiro de trabalho da OASE 1995*. Eu sou... Jesus se apresenta. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 19-22.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Departamento de Missão e Desenvolvimento.; SINGH, Priscilla. *As igrejas dizem 'não' à violência contra a mulher: plano de ação para as Igrejas*. Genebra, 2005.

GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de mulher*. São Paulo: Paulinas, 1994.

GRUPO coordenador da Década Ecumênica da Mulher do CMI. Mensagem de Páscoa: quem removerá a pedra? *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 1-18 mar. 1989, p. 14.

IECLB. Concílio Geral *Documentos: XVIII Concílio Geral*, Pelotas RS, 21 a 25 de outubro de 1992. Porto Alegre: IECLB, 1992.

KIRCHHEIM, Marlene. Página da mulher completa um ano. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, primeira quinzena, mai. 1985, Nosso Espaço Nossas Esperanças.

KOCH, Ingelore Starke. Obreiras buscam valorização de seu trabalho. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 5-25 mai. 1991b, Geral.

LENGLER, Lilian. Páginas específicas para mulheres e os jovens. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, ago. 1988, Público Alvo.

MENEZES, Marilu Nörnberg. (Org.). FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. *Nem tão doce lar: uma vida sem violência, direito de mulheres e de homens*. São Leopoldo; Sinodal; 2012. Porto Alegre: FLD, Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/ebooks/Caderno_Nem_tao_Doce_Lar_2012.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

NEUFELD, Elaine Gleci. (Org.). *Encontros e conversas – pela cultura da paz e superação da violência doméstica*. As Igrejas dizem NÃO à violência contra a mulher. Cartilha de estudos e celebrações. IECLB/Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. 2. ed. São Leopoldo: Contexto Gráfica e Editora, 2008.

_____. Teologia feminista na formação teológica: conquista e desafios. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLTZ, Wilhelm. (Orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/EST, p. 119-129. 2008.

PHILIPPSEN, Rosane. A influência da Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres no contexto das origens do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. *Anais do Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, v. 5, 2017a. p.596-611, 2017. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/866/556>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

_____. *Encontros e resistências: o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB*. São Leopoldo, RS, 2017b. Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017. p. 62. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/853/1/philippsen_r_tmp546.pdf>

ROTH, Vera Leane. Novo Hamburgo, RS, 27 abr. 2017. Entrevista concedida a Rosane Philippsen.

_____; SCHERER, Hertha Costa. *Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB*. Porto Alegre: Odisseia, 2010.

WULFHORST, Dorothea E. Quem não se modifica – se trumbica! In: *Roteiro da OASE 1993*. Permanecem a Fé, a Esperança e o Amor. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

[Recebido em: maio de 2018/
Aceito em: julho de 2018]